

ENSINO DE QUÍMICA: UMA EXPERIÊNCIA A PARTIR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO

Géssica Karla de Queiroz¹; Jéssica Vanesa Diniz da Silva²; Eliemerson de Souza Sales³

¹Universidade Federal de Pernambuco, gessicakarl@hotmail.com.br

²Universidade Federal de Pernambuco, jvdinizsilva@gmail.com.br

³Universidade Federal de Pernambuco, eliemersonsales@gmail.com

Introdução

Este relato é oriundo da experiência vivida no estágio supervisionado em ensino de química II, componente curricular do curso de Licenciatura em Química da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. As atividades foram desenvolvidas em aulas de química das turmas do 1º ano do ensino médio de uma escola pública da rede estadual localizada na cidade do Cabo de Santo Agostinho - Pernambuco.

O estagio traz ao aluno uma nova visão no cotidiano escolar, agora o estagiário deve ter sua própria identidade como professor onde suas experiências com outros docentes não são o suficiente.

O desafio, então, posto aos cursos de formação inicial é o de colaborar no processo de passagem dos alunos de seu ver o professor como aluno a seu ver-se como professor. Isto é, de construir a sua identidade de professor. Para o que os saberes da experiência não bastam. (PIMENTA, 2000, p. 20)

Pensar que o professor é apenas um provedor de conhecimentos irrevogáveis é desvalorizar sua profissão e contribuir também para o fracasso educacional, melhorar a maneira de como é formado esse professor gera uma melhora também na educação.

Schön (1992) coloca que o estágio seria a aplicação de conhecimentos técnico-profissionais quando os professores são formados de acordo com o modelo de tradicional em que prevalece a sequência de primeiro a ciência, depois sua aplicação e finaliza-se com estágio de observação, participação e regência. Valoriza a prática docente oportunizando a construção do conhecimento através da reflexão, análise e problematização dessa prática na busca de soluções oriunda e apropriada os respectivos contextos escolares.

O pensamento de que educar é algo imutável está presente na realidade das escolas onde o conhecimento é oferecido de uma forma que não gera o prazer e a vontade do aluno de aprender, com as mudanças do mundo as informações cada vez mais a disposição, a inovação da maneira de ensinar é necessária.

Ares de mudança e à Reforma Educacional e suas novas propostas curriculares de orientação *construtivista*. (...) A ideia básica do chamado enfoque construtivista é que aprender e ensinar, longe de serem meros processos de repetição e acumulação de conhecimentos, implica transformar a mente de quem aprende que deve *reconstruir* em nível pessoal os produtos e processos culturais com o fim de se apropriar deles. (POZO; CRESPO, 2009)

Segundo MORTIMER; SCOTT, (2002) “Dificilmente alguém discordaria da importância central do discurso de professores e alunos na sala de aula de ciências para a elaboração de novos significados pelos estudantes.”.

O professor tendo grande parcela na construção de conhecimento do aluno, com a mediação do conteúdo em sala de aula e dependendo do seu dialogo pode ou não manter uma relação que auxilie na aprendizagem dos estudantes.

Diante disso, tentamos a partir desse relato, apresentar e discutir acerca da importância do Estágio Supervisionado no Ensino de Química no âmbito do curso de licenciatura em química.

Metodologia

No entendimento de que os caminhos que foram se materializando a proposta do estágio se insere na perspectiva metodológica, buscamos expor adiante o percurso que foi caminhado a partir da proposta de estágio. A disciplina de estágio supervisionado do ensino de química II é a segunda disciplina de estágio das quatro que o curso de licenciatura em química na UFPE exige, e possui a carga horária de 105 horas, divididas em teoria (32 horas), prática (40 horas), planejamento de aulas (10 horas), planejamento de oficinas (10 horas), atividades extraclasse, com aulas presenciais de leitura e análise de textos, organização das apresentações e elaboração do relatório (13 horas).

As atividades realizadas durante o estágio foram divididas em cinco etapas elencadas abaixo:

- A primeira etapa foi destinada a apresentação do plano de atividade à escola (2 horas);
- A segunda etapa foi de observação geral, tendo o objetivo de diagnose da escola, observação da estrutura física, administrativa, do perfil discente e docente, do Projeto Político Pedagógico PPP, do cotidiano, da rotina e da cultura escolar. (8 horas), sendo, 4 horas destinadas às reuniões/colegiado e 4 horas destinadas à visita das instalações da escola;
- A terceira etapa foi de avaliação diagnóstica da turma e do professor (9 horas), 1 hora destinada à entrevista com o professor supervisor e 4 horas destinada à observação de aulas em cada turma, vendo os aspectos das turmas e da relação professor-aluno, aprendizagem, conteúdos programáticos, materiais utilizados, dificuldades encontradas para melhor desempenho do trabalho do docente, que foram previamente analisados de acordo com as entrevistas feitas com o professor de química;
- A quarta etapa foi a da regência (16 horas) sendo 8 horas de regência em cada turma, a proposta de regência foi esquematizada para que a primeira aula utilizasse os mesmos recursos que o professor supervisor normalmente utilizara e, as demais aulas, explorando os mais diversos recursos (reprodução da paródia, Jogo: Bingo Periódico, formação do quebra-cabeça dos metais, ametais e semi-metais, experimento demonstrativo: Teste da chama);
- A quinta etapa seria a regência de oficinas no caráter extraclasse, mas não foi concluída devido à falta de tempo, por causa de uma greve na universidade, sendo concluído apenas seu planejamento.

Resultados e discussão

Após o primeiro momento que foi de observação da estrutura física, administrativa, discente e docente da instituição, começaram as observações nas aulas de química nos 1º anos do ensino médio, foi visto em todas as aulas o uso de quadros branco e explanação do que foi escrito, com poucos exemplos, e exercícios, mesmo assim notou-se que o comportamento das turmas eram diferentes, uma das turmas do 1º ano tem o perfil de alunos mais motivados e interessados, apesar de ser bastante agitada, totalmente o oposto da outra turma observada, na qual os alunos em sua maioria são desmotivados, mais calmos e também costumam serem infrequentes, isso pode ser um reflexo do tratamento do professor que mostra mais atenção na turma mais motivada, ou também pelo fato de serem alunos com menos assiduidade nas aulas, na sua maioria fora de sala de aula. Essa parte do estagio foi importante, pois podemos conhecer melhor o perfil das turmas e como o professor trabalha com elas para que pudessemos nos planejar e transmitir os assuntos de forma mais interessante para os alunos.

Nas aulas observadas viu-se que o professor iniciou o assunto de Funções Inorgânicas sem passar pelo conteúdo de Tabela Periódica. Então as estagiárias, por sua vez, sugeriram que a regência dada por elas abordaria o assunto de Tabela periódica, para que por fim o professor retomasse ao conteúdo de funções inorgânicas.

Iniciando a parte da regência o primeiro contato com os alunos foi bom, eles se mostraram receptivos e interessados, e fazendo uso dos mesmos recursos do professor, quadro branco, fez-se uma sondagem sobre o que a Química estuda sobre o que são os átomos e foi associando o conteúdo de tabela periódica com o modelo de Bohr (assunto anterior). Comparando-se as turmas, o 1º ano A aprendeu mais rapidamente e se entusiasmou mais com a aula, participando dela questionando se algumas substâncias do seu cotidiano eram de qual família ou era qual elemento químico.

No segundo momento de regência trabalhou-se de forma diferente nas turmas pelo fato do 1º B ser mais lento, foi retomada a aula anterior de sondagem, agora com mais alunos em aula o comportamento foi outro, mais interesse e participação, os alunos que sentiam dificuldades não encontraram barreiras para tirar suas dúvidas e sentiam à vontade para se posicionar, na turma do 1º A fez-se o uso de uma paródia sobre a tabela periódica, cada aluno recebeu sua cópia da letra da música para acompanhá-la e colar em seus cadernos. Os alunos assistiram fixamente ao vídeo e todos saíram aprovando e solicitando outras paródias dos próximos conteúdos.

Na terceira aula de regência foi trabalhada uma lista de exercício e o Jogo: Bingo periódico, no jogo uma euforia tomou conta de todos os alunos, pois todos queriam ganhar o prêmio (que foi apresentado como incentivo) o que motivou muito as turmas sendo um momento riquíssimo de interação, conhecimento e descontração, onde os alunos continuaram bastante participativos, principalmente os que na observação eram os mais desmotivados.

A quarta e última aula de regência foi uma das aulas mais esperadas pelas turmas, pois foram feitos alguns experimentos e a construção da tabela periódica em forma de quebra-cabeça, na qual os elementos químicos foram organizados de acordo com suas propriedades, ou seja, os metais em uma peça do quebra-cabeça, os ametais em outra e assim sucessivamente. Bem atentos e silenciosos os alunos deram um feedback positivo sobre a maneira nada convencional que o conhecimento foi transmitido.

Conclusões

Constatamos a importância da formação inicial no curso de Licenciatura em Química, que contribui muito para a construção da identidade do professor e insere o aluno a realidade escolar. Observando o cotidiano de uma escola não apenas na sua forma estrutural, mas principalmente em sala de aula pôde-se construir uma nova visão profissional do que se deseja ser, e como podemos melhorar a forma de ensino para que os alunos sintam-se motivados a aprender.

Palavras-Chave: Formação inicial; Estágio supervisionado; Licenciatura em Química.

Referências

PIMENTA, Selma. Formação de Professores – Saberes da Docência e Identidade do Professor. **Nuances**, v. 3, p.5-14, set. 2000.

SCHÖN, D. Formar professores como profissionais reflexivos. In: Nóvoa, A. (Org.). Os professores e sua formação. Lisboa: Dom Quixote, 1992. p. 77-9.

POZO, Juan Ignacio; CRESPO, Miguel Ángel Gómez. A aprendizagem e o ensino de ciências: do conhecimento cotidiano ao conhecimento científico. Porto Alegre: Artmed, v. 5, 2009.

MORTIMER, E. F; Scott, P. Atividade discursiva nas salas de aula de ciências: uma ferramenta sociocultural para analisar e planejar o ensino. 2002.